

# Vale quer parceiros na pesquisa florestal

por Fátima Belchior  
do Rio

A Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), maior exportadora de minério de ferro do mundo, com negócios em trinta países e um faturamento anual da ordem de US\$ 3 bilhões, está buscando parceiros. A empresa, cuja área de atuação já é bem diversificada, desta vez está procurando "sócios" para montar uma infra-estrutura de suporte à pesquisa das espécies animais e vegetais da floresta Amazônica.

"Queremos dar à pesquisa uma objetividade comercial", disse a este jornal o diretor de desenvolvimento e outros produtos da CVRD, Ulysses Rodrigues de Freitas. Ou melhor, ter a biodiversidade como fonte de matéria-prima de produtos químicos e fármacos.

Espaço físico para responder a estes objetivos há. A CVRD tem a responsabilidade legal pela manutenção de 1,100 milhão de hectares da região de Carajás, uma parte da floresta amazônica do Estado do Pará. Naquela área, é proprietária de 411 mil hectares, 1,6% dos quais compõe o Projeto Carajás, de exploração do minério de ferro.

Anualmente, a CVRD aplica US\$ 2 milhões na preservação da reserva florestal, mas nem sempre consegue evitar ações predatórias, informou Freitas. Por isso, está cada vez mais preocupada em associar a tarefa de preservar a floresta amazônica ao ordenamento da exploração auto-sustentável.

O primeiro passo nesse sentido já foi dado. Em janeiro último, a CVRD e o governo do Estado do Pará firmaram um protocolo de intenção que cria a Fundação para o Desenvolvimento de Produtos Naturais da Amazônia (Pronatam). Agora, procuram instituidores para essa fundação, que terá um aporte inicial de US\$ 2,5 milhões e a função de apoiar a pesquisa científica e tecnológica para o aproveitamento da biodiversidade da Amazônia.

O espaço que está sendo aberto

pela Vale funcionará, na verdade, como um "campus" para os que quiserem pesquisar, sejam eles os "parceiros" na fundação ou outras empresas que, de alguma forma, possam aproveitar-se da infra-estrutura existente na área. Alojamentos, laboratórios, sistema de transporte e de comunicação, além de um quadro de empregados para apoio, farão parte da estrutura da fundação.

"Não seremos mais um centro de pesquisa, mas temos 1,100 milhão de hectares para ser utilizado pelo pesquisador", destacou Freitas, que está organizando para os dias 30 e 31 de maio próximos a realização de um seminário, em Belém, para tratar da organização da fundação. Até o momento, 28 empresas já se revelaram interessadas em participar do encontro. Entre elas destacam-se empresas da indústria de cosméticos, de fármacos e de alimentos, cujos nomes ele preferiu não divulgar.

O interesse é natural. Na Europa, são movimentados, anualmente, US\$ 600 milhões pela indústria de produtos medicinais alternativos. França e Alemanha participam, juntas, com US\$ 300 milhões por ano. Enquanto isso, segundo Freitas, milhares de espécies animais e vegetais poderão desaparecer sem ser estudadas. E na lista se incluem desde o pau-rosa, cuja essência é utilizada na fabricação do famoso Chanel número 5, perfume preferido Marilyn Monroe, ao jaborandi, matéria-prima para os remédios aplicados no tratamento do glaucoma.

Pimentas para a indústria de inseticida, a folha da copaíba para fins medicinais e as sementes do urucu com sua tinta vermelha também fazem parte da flora amazônica e serão, certamente, alvo das pesquisas apoiadas pela fundação.

"Não queremos depender de verbas de governos, mas das empresas que se interessem pela floresta, disse Freitas, prevendo para o segundo semestre deste ano o início das atividades da Pronatam.